

NOTA PRÉVIA

HENRIQUE LUÍS GOMES DE ARAÚJO

6

Como todas as obras, esta tem uma história. Esta começou com um almoço em 2005 na casa do Largo da Paz em que os anfitriões eram a minha Tia e a minha Mãe – Helena e Madalena Moreira de Sá e Costa – e eu próprio e o convidado era o Prof. Rui Vieira Nery. O tema da conversa, esse, foi o do Orpheon Portuense, cuja extinção e doação à Casa da Música do seu espólio já nessa altura ocupava o centro das nossas atenções. Mas algo impulsionava os nossos espíritos e as nossas vontades, para lá da prossecução destes objetivos: a elaboração de uma ou de várias obras que, de outro modo, dessem continuidade à vida artística e ao património imaterial do Orpheon Portuense junto das novas gerações. A memória deste almoço selou a minha mais profunda admiração, reconhecimento e carinho por aquelas três personalidades do nosso meio artístico e musicológico que, indelevelmente, marcaram o projeto desta obra. Dali partimos, animados, rumo à sede do Orpheon Portuense, na Praça da Batalha, para uma primeira avaliação conjunto do porvir do espólio.

Um segundo momento, na continuação deste, consistiu numa reunião na Casa da Música com o seu Diretor artístico, o pianista Pedro Burmester, o Prof. Rui Vieira Nery, como consultor do projecto, e comigo, na presença de dois elementos dos corpos sociais do Orpheon Portuense: Madalena Sá e Costa e o Eng.º Hélder Macedo Sampaio (ambos do conselho administrativo), convidados para o efeito. O objetivo era apresentar a ideia da obra a estas duas instituições e apelar à sua participação na prossecução do projeto. Uma conclusão ficou clara: a necessidade

da prévia inventariação do espólio e a consequente constituição de uma base de dados. Por sugestão do Prof. Rui Vieira Nery, a “minha” Universidade Católica surgiu como indicada para tal tarefa.

E foi assim que o Presidente do Centro Regional do Porto, o Prof. Francisco Carvalho Guerra, posto por mim ao corrente da ideia, convidou a Prof.ª Maria Teresa de Macedo e eu próprio para um almoço no restaurante da Universidade, na Foz, onde debatemos o projeto da obra. Uma pequena equipa de investigadores, já sob a coordenação da Prof.ª Ana Maria Liberal, procedeu ao início da inventariação e à constituição da respetiva base de dados. Trabalho muito metódico, começado na sede da Sociedade e terminado na Casa da Música, o seu fruto constituía agora condição básica para um dos métodos de investigação que iria revelar-se essencial na elaboração da obra em causa: o trabalho de arquivo. Ao Prof. Francisco Carvalho Guerra e às Prof.ªs Maria Teresa de Macedo e Ana Maria Liberal, aqui ficam os meus profundos agradecimentos. É justo lembrar aqui três dos resultados da ação da Comissão Liquidatária do Orpheon Portuense que, em colaboração com a Casa da Música, criou também condições para a realização do nosso projeto: o bom sucesso na entrega do espólio do Orpheon Portuense à Casa da Música, a instalação daquele na respetiva Mediateca, com os armários e a mesa da sede da sociedade muito bem recuperados para o efeito, e, finalmente, o acompanhamento da publicação do 8.º volume dos *Annais* sob a orientação do Dr. Rui Pereira.

Entretanto, impunha-se ao CITAR a constituição

de uma equipa de investigadores de formação pluri-disciplinar que, perante o projeto de obra, aceitasse o convite para a investigação de cada um dos seus temas. Queria-se uma obra coletiva, simultaneamente científica e cultural, vocacionada para a transmissão de uma mensagem de tradição e de inovação para as novas gerações: a de que as sociedades musicais podem ser sociedades de criação de “bens relacionais” em torno do uso da linguagem matemática e universal da música.

Agora, uma outra parceria surgia: ente o CITAR, presidido pelo Prof. Joaquim Azevedo, e o INET-MD, presidido pela Prof.^a Salwa Castelo-Branco. A confiança que sempre depositaram no coordenador, o seu apoio público e sem reservas, tornam-me seu eterno devedor. Deles, os convites foram surgindo a: Ana Maria Liberal, Christine Wassermann Beirão (mais tarde do CESEM), João-Heitor Rigaud e Sofia Lourenço do CITAR, Paulo Ferreira de Castro do CESEM, Rui Pereira da Casa da Música, e Jorge Castro Ribeiro, Manuel Deniz Silva, Maria do Rosário Pestana e Rui Vieira Nery do INET-MD. Mais tarde, eu próprio convidei Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (já na presidência do CITAR) a integrar a nossa equipa. Dois doutorandos vieram associar-se a ela: Constança Vieira de Andrade do CRIA / ISCTE-IUL e Tiago Hora do CESEM / UNL-FCSH. Três não viriam a poder aceitar, em momentos diferentes e por motivos diversos, o convite inicial: Ana Maria Liberal, Paulo Ferreira de Castro e Rui Pereira.

Os capítulos desta obra são de autoria dos primeiros. Mas mais do que autores de capítulos, foram coautores do projeto. Como coordenador da obra, sou testemunha de como souberam sempre, cada um a seu modo (às vezes até pelo silêncio), responder com a sua participação ativa aos momen-

tos fortes de encontro e de partilha de experiências científicas que fui procurando criar. Lembro aqui os dois Encontros da Equipa do Orpheon Portuense (em 2012, no CITAR / Universidade Católica, e em 2013, na Fundação Casa da Música) e o Colóquio “Música em Contexto” (em 2014, no INET-MD e CESEM, na Universidade Nova da Lisboa), a convite da Prof.^a Salwa Castelo-Branco, onde a equipa foi acolhida de um modo impressionante que permanece hoje na boa memória de todos.

Uma palavra de agradecimento é devida aos patrocinadores que tornaram financeiramente possível esta obra: as Fundações Calouste Gulbenkian, Casa da Música, Eng.^o António de Almeida e a Câmara Municipal do Porto – extensível à Dr.^a Marta Luz, do Gabinete para os Alumni e para o Desenvolvimento da Universidade Católica, que desde a primeira hora mediu, a meu pedido, o financiamento desta obra. Agradeço também à Dr.^a Bárbara Azevedo, da Católica Editora Porto, e à sua equipa, a colaboração sempre pronta na troca de ideias e no exigente carácter editorial desta obra.

Finalmente, dirijo palavras que brotam do coração a minha mulher Teresa e a nossa filha Madalena, que souberam compreender o tempo que roubei ao seu convívio. Minha Mãe, quase centenária, continua manifestando o seu carinhoso apoio expectante a esta obra – o que é extensivo a minha irmã Helena. Mas hoje, 14 de novembro, assinalo de modo especial o centenário do nascimento (14 de novembro de 1914) de nosso saudoso Pai, Henrique Gomes de Araújo, crítico do Círculo de Cultura Musical do Porto entre fevereiro de 1947 e dezembro de 1950 e com quem aprendi, à maneira de Hanslick, a admirar Brahms.

Novembro de 2014